

Desenho, desenvolvimento e soberania

Graphic Project, Development and Sovereignty

André Queiroz¹

Resumo: Quais seriam as causas das mudanças de percepção sobre o desenho e o que sabemos sobre isso? Existem relações diretas entre a geopolítica e as tomadas de decisão nos diversos países, principalmente em países periféricos e historicamente dependentes como o Brasil. O nível de valorização do ensino de desenho no Brasil se relaciona com o condicionamento que sofre para se manter como um país exportador de *commodities*, dependente, que não consegue desenvolver tecnologia e desenvolvimento autóctones. Assim, estudos em Desenho são colocados aqui como ferramenta chave para o desenvolvimento e para a soberania do país. Este trabalho volta-se a encontrar novas questões e a reunir parte dos argumentos que nosso campo já encontrou para explicar as forças que têm implicado sobre o ensino/aprendizagem de Desenho.

Palavras-chave: Desenho. Desenvolvimento. Dependência. Soberania.

Abstract: What would be the causes of changes in perception about drawing and what do we know about it? There are direct relationships between geopolitics and decision-making in different countries, especially in peripheral and historically dependent countries like Brazil. The level of appreciation of drawing teaching in Brazil is related to the conditioning it suffers to remain a dependent commodity exporting country that is unable to develop indigenous technology and development. Thus, studies in Design are considered here as a key tool for the country's development and sovereignty. This work aims to find new questions and bring together part of the arguments that our field has already encountered to explain the forces that have affected the teaching/learning of Drawing.

Keywords: Design. Development. Dependency. Sovereignty.

¹ [André Queiroz é Mestre em Design pela UFRJ, especialista em Técnicas de Representação Gráfica pela UFRJ, graduado em Licenciatura em Desenho e Plástica pela UFBA. Professor de Desenho no Colégio Pedro II. usoandre@yahoo.com.br].

O ensino de Desenho vem passando por grandes desafios que têm nos exigido grandes reflexões, reformulações e redefinições, buscando legitimidade e equidade nosso campo busca sobreviver entre as disciplinas escolares. O ensino de processos gráficos projetivos por meio da disciplina que denominamos hoje de Desenho no Brasil passou por muitas transformações históricas, veio se desenvolvendo gradativamente, ora mais ora menos, até que na década de 1970 a sua equiparação às demais disciplinas foi reduzida e foi transformada em um conhecimento optativo, permanecendo hoje apenas em escolas técnicas ou privadas (elitizadas), deixando a maioria da população sem a oportunidade de desenvolver esse aprendizado. Um conhecimento que tem sido associado historicamente aos principais momentos de desenvolvimento das mais destacadas sociedades, deixa de ser interessante para quem decide sobre a formação da população de um país.

Quais seriam as causas das mudanças de percepção sobre o desenho e o que sabemos sobre isso? Sabemos que existem relações diretas entre a geopolítica e as tomadas de decisão em diversos âmbitos, nos diversos países, principalmente em países periféricos e historicamente dependentes como o Brasil (Singer, 1998). Se esta hipótese estiver correta: há uma relação direta entre a importância e a falta de importância do ensino de desenho no Brasil com o condicionamento que sofre para se manter como um país exportador de *commodities*, dependente do capital externo, e não desenvolver tecnologia e desenvolvimento próprios. Assim, estudos em Desenho se tornam uma ferramenta chave para o desenvolvimento e para a soberania do país. Este estudo volta-se a encontrar novas perguntas e a reunir parte dos argumentos que nosso campo já encontrou para explicar as forças que têm implicado sobre o ensino/aprendizagem de Desenho.

Para este estudo busquei fazer um breve levantamento de pesquisas acerca do histórico do ensino de desenho no Brasil, em combinação com outras buscas sobre soberania e dependência externa, examinando pontos que demonstrem a correspondência desses fatores.

De acordo com Marine Borges (2020), em 1882, com a reforma do Ensino Secundário e Superior proposta por Rui Barbosa, houve uma “valorização do ensino do Desenho para mercado de trabalho carente em profissionais habilitados”, (idem, p.40). Segundo Elenice Zuin (2001, p.70) “É Rui Barbosa que imprime, definitivamente, o Desenho como um saber escolar necessário para o desenvolvimento industrial”. Cláudio Amaral (2011, p.75) complementa ressaltando que foi com esta reforma que Barbosa planejou industrializar o país “para transformar um país agrário em industrial”. Nota-se nas passagens a evidente relação entre a valorização do ensino de Desenho num momento em que as políticas públicas se voltam a um projeto de desenvolvimento nacional autônomo.

Para Amaral (2011), um dos principais momentos que remetem às origem das política do ensino do desenho se deu quando John Ruskin teceu suas críticas aos produtos industriais da Exposição de Londres em 1851. “O ensino do desenho pareceu, à época, apontar para a solução desse dilema (idem, p.76)”. Segundo o autor foi inspirado na ideias de Ruskin que Rui Barbosa teria se mobilizado a valorizar o ensino de desenho no Brasil.

O período em que Ruskin desenvolveu suas ideias foi crucial para o ensino de desenho pois foi um período de ruptura entre um modo de existência feudal e o sistema produtivo capitalista, entre outras coisas houve a separação entre concepção e manufatura do trabalho. O desenho serviria aí à classe dominante, é quando o artesão é transformado em operário, quando há a separação do trabalhador dos seus meios de produção e das suas práticas originais, o qual passa a estranhar o fruto do seu trabalho.

O pensamento acerca do desenho pode ir além de questões estéticas, por exemplo, de acordo com Amaral (2011, p.80), “a crítica ruskiniana não exige simplesmente um desenho bem feito, exige outro tipo de relacionamento na divisão do trabalho fabril”. Nessa perspectiva o belo é tratado como o resultado de uma política de trabalho ética e de cooperação mútua.

É importante atentar que o desenho, para Ruskin, é a derivação de uma lógica que se expressa pela dissolução da diferença entre artes liberais e mecânicas,

mas, além disso, ela propicia um tipo de relacionamento na produção que elimina a hierarquia de quem pensa e de quem faz (Amaral, 2011, p.79).

De acordo com Borges (2020, p.39), o Desenho esteve presente no Brasil desde meados do século XVII, quando os colonizadores precisavam construir fortificações, e ganhou força ao longo do tempo, até o ano de 1951, quando chegou a um ponto de declínio. Para a autora, tal declínio tem relação com o Movimento da Matemática Moderna (MMM), mas nota que as mudanças curriculares estão atreladas a eventos sociais, políticos e de controle social. Segundo Borges (idem, p.50), com a lei no 5.692, de 1971, “a disciplina Desenho passou a ser excluída de muitas escolas brasileiras pelo fato de não ser mais integrante dos vestibulares”. O Desenho perdeu sua autonomia e a falta de sua definição tem contribuído para o seu desaparecimento. Borges (idem, p.52) ainda relata que a ascensão dos softwares gráficos ainda gerou instabilidade para o Desenho.

Segundo Elenice Zuin (2001), é com o Renascimento italiano dos séculos XIV e XV, e depois com a Revolução Industrial que o desenho mais se destaca. É no renascimento que a obra Os Elementos de Euclides é mais estudada, é quando o desenho se torna uma disciplina organizada, quando é encontrada pela primeira vez a palavra “disegno”. A geometria euclidiana foi ferramenta importante também para a Revolução Industrial, nesse contexto, em 1794/95, Gaspard Monge lança *Géométrie Descriptive*. No século XIX, a “crescente mecanização exigia maiores habilidades técnicas, tornando a representação gráfica o “pivô do idioma industrial” (Zuin, 2011, p.55). Já, no Brasil, ainda segundo a autora, uma demanda por operários mais qualificados ocorre no final do século XIX e início do século XX, apesar da realidade de que na década de 1920 o analfabetismo ainda atingia 80% da população.

Zuin (2011) traz como motivos da desvalorização do Desenho o surgimento de sistemas geométricos não euclidianos nos séculos XVIII e XIX, que semearam dúvidas sobre os princípios de Euclides; além novas pedagogias da década de 1960 que defendiam um desenho puramente espontâneo de expressão artística.

Para Paul Singer (1998), a história do Brasil é a história de um país dependente, tem vivido dependências do tipo consentida, tolerada ou desejada, saindo de uma para outra ao longo da história. Segundo o autor, a dependência:

“trata-se de dependência econômica de países independentes politicamente mas subdesenvolvidos, como os da América Latina, que, para se desenvolver, condicionam suas decisões “à dinâmica das economias desenvolvidas” de que dependem (Singer, 1998, p.119).

De acordo com o autor, para a elite brasileira do século XIX, escravocrata, toda a esperança de progresso baseava-se na vinculação gradativa ao centro capitalista, era uma dinâmica que não visava o desenvolvimento interno. Já entre 1914 e 1945, a partir da primeira guerra e até o fim da segunda, a crise internacional fez com que fossem reduzidas as importações. “A desglobalização ofereceu à incipiente burguesia industrial dos países menos desenvolvidos uma oportunidade de ouro” (Singer, 1998, p.121), seria uma via para o desenvolvimento. Foi desenvolvimentista a revolução de 1930 no Brasil, com uma política de independência do mercado e um controle por decisões políticas, no sentido de superar a dependência. Depois, com o fim da segunda guerra, as economias capitalistas tiveram uma retomada, porém com a consolidação do neoliberalismo da década de 1980 o desenvolvimentismo foi abandonado.

“A subordinação dos estados nacionais aos interesses e aos preconceitos ideológicos dos detentores do grande capital globalizado restabeleceria uma normalidade que fora perturbada por peripécias políticas, passageiras (Singer, 1998, p.126).

Confio na capacidade representacional, comunicacional, interdisciplinar e emancipatória das técnicas de representação gráfica, e vejo a importância de pensar em como este conhecimento se dá na nossa realidade concreta. Construir maneiras de conjugar os conhecimentos, de realizar uma práxis efetiva por meio de atividades acadêmicas, profissionais, pedagógicas e cidadãs, e trabalhar para a construção de um conhecimento crítico e socialmente responsável, é o que acredito como meio de resistência.

O Desenho é historicamente uma ferramenta de desenvolvimento, serviu às classes dominantes na expansão de seus domínios, foi útil a faraós,

reis, imperadores, nações e revoluções, é ferramenta essencial para o desenvolvimento estratégico, industrial e tecnológico. Desse modo, e diante de toda a pesquisa acerca das potencialidades do Desenho para o nosso próprio desenvolvimento cognitivo, acredito que mais pessoas, poderiam experimentar tal ciência, essa ferramenta que amplifica o nosso poder – poder perceber, poder realizar, poder projetar, poder comunicar, poder desenvolver, poder de soberania. É hoje um privilégio experimentá-lo em seu pleno exercício, torna-se assim fundamental pensar maneiras de trabalhar na direção de que o ensino de Desenho seja um direito socialmente constituído.

Referências

Amaral, Claudio Silveira. **John Ruskin e o ensino do desenho no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BORGES, Mariane Brito Azevedo. **Um ponto no Desenho para uma mudança na sua trajetória: o lugar e a relevância do Desenho Geométrico na formação escolar**. Monografia (Tese). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

Singer, Paul. De dependência em dependência: consentida, tolerada e desejada. **Estudos Avançados**, v.12 n.33, p.119 a 1130. Universidade de São Paulo: São Paulo. 1998.

Zuin, Elenice de Souza Lodron. **Da régua e do compasso: as construções geométricas como um saber escolar no Brasil**. Monografia (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.